



# DIÁRIO

## da Assembleia Nacional

IX LEGISLATURA (2010-2014)

5ª SESSÃO LEGISLATIVA

### REUNIÃO DA 3.ª COMISSÃO ESPECIALIZADA PERMANENTE DE 31 DE JANEIRO DE 2013

**Presidente:** Ex.<sup>ma</sup> Sra. Isabel Domingos

**Secretário:** Ex.<sup>mo</sup> Sr. Adérito Bonfim

#### SUMÁRIO

A Sra. Presidente declarou aberta a reunião quando eram 11 horas e 35 minutos.

A Comissão dos Assuntos Sociais, 3.ª Comissão, auscultou a Sra. Médica Pediatra (Feliciano Pontes) do Hospital Ayres de Menezes para se inteirar da petição enviada a Assembleia Nacional relacionado com um caso ocorrido no Hospital Central que originou a

suspensão do Sr. Hugo. Além da Sra. Médica pediatra (Feliciano Pontes), intervieram a diverso título os Srs. Deputados Edite Salvaterra (PCD) e Deolindo da Mata (MLSTP/PSD)

O Sra. Presidente encerrou a reunião quando eram 12 horas e 15 minutos.

A Sra. **Presidente** (Filomena Monteiro): — Srs. Deputados, existe quórum, pelo que declaro aberta a reunião.

*Eram 11 horas e 35 minutos.*

*Estavam presentes os seguintes Srs. Deputados:*

Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social Democrático (MLSTP/PSD):

**Adlander** Costa de **Matos**

**Deolindo** Luís da Trindade **da Mata**

**Filomena** Sebastião Santana **Monteiro** d' Alva

**Hélder** das **Neves**

Partido de Convergência Democrática (PCD):

Maria **Edite Salvaterra** Pinto

A Sra. **Presidente**: — Dra. Feliciana enviamos para si uma convocatória através da Assembleia Nacional, tendo em conta uma carta endereçada ao Presidente da Assembleia que foi baixada para a 3.<sup>a</sup> Comissão, Comissão essa dos Assuntos Sociais e que debruça sobre os aspectos da educação, saúde, trabalho, solidariedade, juventude e outros.

Portanto, tendo em conta que na carta tem aspectos ligados à Directora Clínica, sobretudo a pediatria, por isso que a senhora recebeu esta convocatória para nos precisar com algumas informações. Porque cabe-nos, como 3.<sup>a</sup> Comissão, emitir o nosso parecer depois de ouvir as partes intervenientes no processo.

A carta endereçada faz referência à direcção clínica do hospital, sobretudo a pediatria, a direcção da enfermagem, a DAF do Ministério, mesmo a Ministra da Saúde e o instrutor do processo. Portanto, são muitas pessoas que temos que ouvir depois para fazermos um juízo e emitirmos o nosso parecer para a Mesa da Assembleia.

Por isso, gostaríamos de ouvir de si porque, tendo em conta as informações que temos, não podíamos só ouvir do peticionário, que é o Sr. Hugo Medeiros, que toda gente conhece como enfermeiro que é.

Na carta do mesmo está a citação de uma criança que o mesmo quis apoiar tendo em conta a sua situação clínica na altura, mas foi mal visto.

Por outro lado, o próprio o seu filho também tinha problemas e que não foi concedido na altura, porque houve muita demora na concessão de uma junta para que o seu filho fosse evacuado.

Portanto, perante esses dois factos, gostaríamos de ouvir de si as suas constatações.

A Sra. **Médica Pediatra** (Feliciana Pontes): — Em relação ao dito doente que o Sr. Enfermeiro Hugo quis acompanhar, que relata que a criança foi mal atendida, justamente por isso veio culminar com um processo disciplinar porque ele teria faltado ao respeito a ex-Ministra da Saúde.

O que acontece exactamente em relação a esta criança: cada um faz o seu juízo quando se está de fora e, em primeiro lugar, o Sr. Hugo não era funcionário do hospital, ele era funcionário dos cuidados primários de uma das áreas de saúde do País, que não me lembro agora, e apenas fazia serviço de apoio às urgências, piquetes; segundo as informações que tive.

No entretanto, segundo as informações que também tive, a criança teria sido vista pelo Sr. Hugo na sua casa porque a criança lhe é amiga, parente ou vizinha. A criança esteve internada e ele fazia pressão para que a criança tivesse junta e que ele teria que acompanhá-la.

Dissemos que não, que a criança poderia ter junta sim senhor, mas só que vai acompanhada por sua mãe, que não era necessário que um enfermeiro fizesse parte do acompanhamento da criança, tendo em conta que o enfermeiro só tem a responsabilidade com os doentes no voo. A criança de facto precisaria de cuidados que teria que ser a sua própria mãe a dar.

O quê que o Sr. Hugo faz para meu espanto, segundo as informações que me passaram? Vai ao Gabinete do ex-Primeiro-Ministro pedir dinheiro para ele conseguir acompanhar a menina. Então o ex-Primeiro-Ministro na altura teria telefonado a Ministra da Saúde e perguntado se um enfermeiro, ou qualquer pessoa vai ao seu gabinete pedir dinheiro para acompanhar um doente. A Ministra de facto não gostou, ele depois entrou em conversas com a ex-assessora do ex-Primeiro-Ministro para os assuntos sociais, ou coisa do género e deu aquela confusão toda. Porque toda a gente sabe que o Sr. Hugo é um enfermeiro terrível e falta de respeito, é um enfermeiro com mau comportamento.

É esta a situação em relação a este doente, que ele queria acompanhar e teríamos dito que não, porque não era necessário o seu acompanhamento e que a mãe da criança é que seria a acompanhante; porque teria que cuidar da criança e ficar muito mais tempo, porque o estado da criança exigia alguns cuidados que o enfermeiro lá não ia fazer nenhum.

Porque quando se acompanha um doente só temos conta com ele durante o percurso de São Tomé a Portugal, durante o voo. Logo que o doente que algum enfermeiro ou médico acompanha, é entregue ao pessoal da embaixada, esse enfermeiro já não tem acção. Quem a tem são os familiares e a assistência lá. Esse é o percurso normal da junta de saúde.

É por isso que deu a história do processo disciplinar, que depois desconheço o rumo que tomou.

Em relação ao filho do Hugo, ele era um menino que fazia consultas comigo. Todo o mundo sabe que neste momento em São Tomé sou a única pediatra e crucificada, efectivamente; falo claro!

Na altura, como o Hugo é uma pessoa que faz aquelas viagens para Portugal, vai e vem e quer sempre junta para lá ir, ele fazia consultas comigo e de facto o menino tinha uma amigdalitis...

*Corte de energia eléctrica.*

*Restabelecimento às 11 horas e 45 minutos.*

A Sra. **Presidente**: — Srs. Deputados, vamos dar continuidade aos nossos trabalhos. Tem a palavra a Dra. Feliciana Pontes para continuar a sua explanação.

A Sra. **Médica Pediatra**: — Portanto, um vez o Sr. Hugo apareceu na minha consulta, que faço as terças-feiras lá no hospital, dizendo «ah, doutora, eu gostaria que avaliasse (...)», até nem o conhecia, nem o seu carácter, vi-o aí com bata, nem estava marcada a consulta do filho, nem estava inscrito, mas tratando-se de um profissional de saúde e o conheço e disse que ia ver o menino.

Contou-me a história, que o menino está com amigdalite e fazia apneia de sono – apneia de sono é quando aquelas crianças que têm amigdalite levantam-se de madrugada e parece que perdem o ar e depois de repente volta. Normalmente, quando as crianças têm apneia de sono uma das condutas terapêuticas é fazer cirurgia, ou seja, tirar as amígdalas denoides que provocam este quadro.

Na altura não tínhamos otorrino, ia chegar uns quinze dias depois, teria medicado o seu filho e disse-lhe, «pronto, vamos a ver e logo que chegar o otorrino você será avaliado por ele e depois ele decidirá a melhor conduta, porque não sou cirurgiã, não sou eu que vou operar o garoto, sou pediatra».

O menino fez tratamento mais uma ou duas vezes comigo, acho que o otorrino não chegou e não me lembro agora se teria feito um relatório de evacuação para esse menino; não sei se está aí dentro do processo. Só sei que depois o menino fazia crise e internava e houve um momento em que o Sr. Hugo simulou um internamento do garoto no hospital, com o objectivo de obter junta de evacuação.

O menino estava internado lá na pediatria, o Sr. Hugo fez aqueles disparates todos de querer Junta. Depois apareceu o otorrino cubano e pedimos que ele pudesse avaliar e, se a memória não me falha, o otorrino avaliou e disse que a cirurgia desse menino podia ser feita, inclusive, marcou o dia da cirurgia. O Sr. Hugo disse que não iria operar o seu filho aqui em São Tomé e que iria levá-lo para Portugal. Dissemos, «pelo amor de Deus, temos especialistas, temos condições de fazer se o senhor não quiser fazer já não é da nossa responsabilidade», a cirurgia de amigdalase é fácil que ele podia fazer.

O quê que se fez de errado em relação ao filho do Hugo, ou em relação a outra criança que ele reclama?

A outra criança teve a junta de evacuação e está lá até agora com a mãe. O Sr. Hugo entendeu levar a sua criança e levou o seu filho sem a junta de evacuação para Portugal.

Agora vejamos: se um indivíduo sai sem junta de evacuação ele não pode reivindicar nada. Porque só se reivindica quando se tem o processo de junta de evacuação e, por alguma outra razão, se se está com alguma pressa, ou se o Estado está com alguma dificuldade no pagamento da passagem, pode-se pagar com o seu dinheiro e depois pedir o reembolso ao Estado, se eventualmente tiver a junta de evacuação aprovada e com a data marcada da consulta lá em Portugal. Isto não aconteceu com o filho do Sr. Hugo e depois de aqui não sei mais nada.

Isso aconteceu antes comigo porque já tínhamos querelas, como ele achava por bem que tinha que dar junta ao seu filho porque ele tinha que ir para Portugal, inventa aquela história daquela criança que tinha sido vista por mim. Porque o caso do filho do Hugo foi o primeiro; depois o caso da outra menina que ele queria ir para Portugal, em que ele foi pedir dinheiro ao Primeiro-Ministro para fazer-se acompanhar dela, é o segundo caso. São duas situações diferentes.

Gostaria de explicar aos Srs. Deputados como é que é o procedimento da junta de evacuação, porque as pessoas aqui têm muita confusão nas suas cabeças: a junta de evacuação é para todo e qualquer cidadão são-tomense que, por uma outra razão, São Tomé e Príncipe não tem condições para resolver o problema.

Então esse cidadão, ou essa cidadã, de acordo ao protocolo que São Tomé e Príncipe tem com Portugal em relação a junta de evacuação, qualquer médico que esteja no sistema nacional de saúde, seja ele privado ou não, mas tem que obedecer algumas regras, faz um relatório que é entregue na secretaria do hospital, vai a uma comissão do hospital, é avaliado, é discutido e o médico vai lá e defende o seu relatório. E daí o relatório vai a junta de evacuação para ser aprovado ou não.

Nesse momento temos missões de curta duração que vêm e não justifica muitos casos irem para Portugal. Porque essas equipas vêm e os problemas são resolvidos aqui e minimiza o estado do doente, ou a saída deste. Sabemos que todos os problemas que as pessoas têm lá com a junta de evacuação. É a embaixada que não apoia,

separação dos familiares, destruição de lares, etc. etc., justamente por esses problemas todos é que se minimizou com a vinda dos médicos de «Saúde Para Todos – Especialidades».

Uma amigdalite é feita com o otorrino cubano que temos aqui. Inclusive os médicos que cá vêm são médicos de clínicas privadas em Portugal, que só quem tem dinheiro lá é que são vistos por aqueles médicos. Eles prestam serviços grátis aqui para nós.

É este o problema meus senhores, é pura e simplesmente aquilo que tenho para explicar para os senhores em relação a esses dois casos.

Isso já foi desde 2010 ou 2011, não me lembro mais.

A Sra. **Presidente**: — Muito obrigada Sra. Doutora pela informação.

O problema é que temos em mãos um relatório médico da primeira criança, que depois foi mesmo evacuada em estado grave, feito por uma médica pediatra do hospital, a Dra. Neyda Gonzalez. Essa criança viajou entubada...

A Sra. **Médica Pediatra**: — Viajou como?

A Sra. **Presidente**: — Entubada e tinha que levar oxigénio porque estava num estado mesmo grave.

No nosso documento em parte nenhuma, porque esta carta foi endereçada não só à Presidência da Assembleia, mas também ao Presidente da República, ao próprio ex-Primeiro-Ministro, como primeira pessoa, ao Procurador-geral da República, sindicato dos enfermeiros, a 5.<sup>a</sup> Comissão da Assembleia, ao sindicato da função pública. Em momento nenhum vimos que o Sr. Hugo foi pedir dinheiro ao Sr. ex-Primeiro-Ministro, que é um dos aspectos que achamos que não é o mais correcto. Em citação nenhuma dos documentos aqui revela esse facto, só acabamos de ouvir de si.

Das informações que temos aqui, o enfermeiro foi pedir ajuda financeira sim para a evacuação do seu filho, tendo em conta que houve demora e o menino estava a ser assistido há dois anos e poucos e não lhe apoiaram. É o que narra a carta e por isso tínhamos que chamá-la, tendo em conta as informações aqui espelhadas nesta mesma carta.

Portanto, é isso que temos a informar daquilo que temos aqui, que é o pedido de ajuda financeira para a evacuação do seu filho doente há mais de três anos. Se era para outros aspectos, não era para outra criança e não fez menção que teria que acompanhar outra criança, mas sim iria, talvez, para ajudar o seu próprio filho também.

Claro que aqui só temos que ouvir de todas as partes, como dissemos, esperando também o contributo dos colegas daquilo que se precisa um pouco mais.

Porque disse que não conhecia o Sr. Hugo, acho que como directora clínica para mim... *deficiências na gravação...* portanto, sendo uma directora clínica alguém que presta serviço no Banco de Urgência, claro que tem que pelo menos conhecer todos os que aí prestam serviço.

Seja como for, quando teve informações que o mesmo tem mau carácter, acho que devia conhecer o funcionário em causa. Talvez não chegava até ao ponto que chegou, ou pode ser que podiam mandá-lo há mais tempo trabalhar num outro posto para que as coisas não culminassem como culminou.

Portanto, não sei se outros colegas têm perguntas a fazer relativamente as informações já tidas aqui.

Tem a palavra a Sra. Deputada Edite Salvaterra para uma intervenção.

A Sra. **Edite Salvaterra** (PCD): — Só queria dizer que o Sr. Hugo disse que a criança estava doente há dois anos, de maneira que quando o comunicaram e ele quis logo que a criança embarcasse, porque São Tomé não tinha condições para operar a criança, será mesmo que a criança estava doente durante dois anos?

A Sra. **Médica Pediatra**: — Isto teria que ser o próprio Sr. Hugo a responder. Porque na realidade quando vi a criança, confesso que nunca o vi a fazer apneia de sono. Apneia de sono é a situação mais grave que uma criança faz quando tem amigdalite. Foi-me dito que – o médico muitas vezes tem que ouvir aquilo que os pais dizem, posso acreditar tendo em conta a evolução, se de facto o miúdo fizesse apneia de sono durante esses dois anos se calhar já teria sido evacuado há muito tempo. O Hugo dramatiza muitas coisas, quando faz questão em relação a aquela criança, em que ela foi mal tratada.

Gostaria também de vos clarificar que no primeiro momento que esse relatório foi feito a criança estava grave. Mas no momento de evacuação a criança nem foi entubada. Ela foi sem tubo e sem nada. Há dois aspectos, há um primeiro momento que vê a criança e fazes relatório e exiges muito.

Mas a espera da marcação a evolução da criança foi melhorando, e ela foi sem entubação. Aquela criança que ele dramatiza. E depois ele confunde as pessoas. Ele diz que foi pedir dinheiro para evacuar o filho, faz uma confusão danada. Os senhores precisam ler essa documentação com cabeça fria. Porque esse indivíduo confunde pessoas. Ele cria muita confusão.

Quando dizia que não o conhecia, é porque no primeiro dia que ele foi me pedir para fazer consulta ao filho na altura ele ainda não trabalhava no hospital. Depois é que vim saber quem é ele, ouvi, teriam me dito que ele trabalhava em Lembá e tinha lá problemas; não o conhecia como enfermeiro do centro hospitalar.

Depois de eu fazer consulta, pelo facto de terem me dito que ele era enfermeiro, por isso é que lhe atendi. Vos disse também que ele não tinha consulta marcada, mas lhe atendi, não sei se repararam. Depois disso tudo é que vim conhecê-lo como enfermeiro, porque na altura quando falou comigo não o conhecia.

Porque alguém que teria falado comigo, «ah, doutora, é enfermeiro de Lembá». Disse, «então aceitei fazê-lo consultas (...)». Quando começamos como médico e paciente é que ele depois pediu para fazer algumas urgências no hospital. Aliás, não posso conhecer todos os funcionários do hospital, são 400 e tal trabalhadores e é muito difícil.

A Sra. **Presidente**: — Só queríamos também informar a Sra. Directora clínica que temos um documento, que no anexo vem uma declaração feita no hospital Santa Maria em que a criança na realidade ficou com sequelas e sofre disso; o filho de Hugo Medeiros. Aqui revela hipoplasia de condução de grau ligeiro bilateral, comprometendo também a fala.

Portanto, são aspectos que estão nos documentos narrados e que os meus colegas têm em mãos. É isso que tenho que informar relativamente a esta criança.

Agora, relativamente a outra criança, os aspectos que temos aqui é que a criança na realidade estava num estado grave e a doutora acabou de dizer que, depois de terem feito isso, o aspecto clínico da criança melhorou. Mas não vem um segundo documento para nos enfatizar sobre esse aspecto.

Passo a palavra ao Sr. Deputado Deolindo da Mata para uma intervenção.

O Sr. **Deolindo da Mata** (MLSTP/PSD): — Sra. Directora, temos uma credencial assinada pela ex-Ministra da Saúde, que solicita todas as facilidades necessárias para o tratamento do filho do Sr. Hugo Medeiros.

A senhora pode dar-nos algumas informações das tais facilidades que a direcção clínica do hospital deu ao filho do Sr. Hugo Medeiros?

A Sra. **Médica Pediatra**: — Posso sim.

Não é a direcção clínica, já expliquei que quando a criança sai com a junta de evacuação tem um processo e ao Sr. Hugo Medeiros decidimos que o seu filho seria operado aqui. Ele disse que não queria e que iria levá-lo para Portugal.

Obviamente o que é que faz: como qualquer um dos cidadãos que estamos aqui, temos um contrato com os serviços clínicos da TAP, em que São Tomé Príncipe tem um contrato e qualquer cidadão que viaje pelos seus próprios meios pega essa credencial e vai lá fazer as suas consultas, em que ele vai custear.

São Tomé tem condições para operar o seu filho, ele não quis esperar que o seu filho fosse operado aqui e decidiu levá-lo para Portugal. Para ele obter essa facilitação da consulta lá, ele pediu a Ministra a credencial assinada pelo Director do Gabinete, que se calhar foi o Sr. Flávio – não me lembro agora quem a assinou.

A credencial não lhe dá direito a junta, dá-lhe direito a facilidades, para ele tentar conseguir a consulta lá e foi o que fez. Foi pelos seus próprios meios porque não quis esperar – eu nem sabia que ele tinha essa credencial, estou a tomar conhecimento agora, levou-a de modo que pudesse conseguir uma consulta muito mais facilmente nos serviços clínicos da TAP; como qualquer um de nós quando viajamos temos que fazer um *chek up* para não pagarmos 80 a 100 tal euros numa clínica lá.

Foi justamente por isso que o Sr. Hugo pediu essa credencial a Ministra e ela teria dado; porque ele pediu! Porque a credencial só se dá a quem pede. É o que fizeram.

Agora, em relação a sequelas, a Sra. Deputada Filomena também é médica e sabe. Fui operada de amigdalite e tenho sequelas; tenho hipoplasia e tenho faringites constantes, não oiço bem.

Isso é uma das consequências da cirurgia da amigdalite. Infelizmente, resolve-se um problema e aparece outro. Seja em qualquer parte do mundo, essas sequelas aparecem.

Não é, digamos, por causa de uma cirurgia de amigdalites é que o menino ficou hipoplasia ou com o problema de fala. Se calhar o menino já tem os seus problemas de fala há muito tempo, que é um problema relacionado com um otorrino.

Não sei se fui suficientemente clara.

A Sra. **Presidente**: — Seja como for, se o menino foi seguido durante um período de dois anos, é a única informação que temos cá e é na base dessas informações que temos aqui é que vamos tentar emitir o nosso parecer.

O problema é que o próprio pai, perante os meus colegas aqui, disse que a criança tinha sido assistida por si durante um período de dois anos...

A Sra. **Médica Pediatra**: — Que não tinha sido assistido?

A Sra. **Presidente**: — Que a criança tinha sido assistida por si durante um período de dois anos e poucos. Foi a revelação do pai aqui nesta Sala ainda hoje. Se o otorrino chegou quinze dias depois já na altura que o pai estava um pouco aflito, acho que também, não sei, como funcionários do Ministério da Saúde temos que dar uma mão.

Claro que não podia chegar ao ponto que chegou, mas não estamos aqui para fazer o julgamento de nada, mais uma vez volto a referir. Os Srs. Deputados que cá estão, cada um depois na nossa Comissão, independentemente de ter faltado alguma informação, vamos emitir um parecer responsável.

Porque se o Sr. Hugo ao longo dos tempos teve a má conduta cabia o Ministério, desde esse momento, saber o que fazer. Porque se um funcionário, segundo o Estatuto da Função Pública – temos a Lei n.º5/97, que diz quais são as modalidades, o que é que se deve fazer se um funcionário é indisciplinado e tem procedimentos errados, claro que talvez essa situação não se podia repetir.

Saindo ele de uma área de saúde para outra, ou a direcção em que o mesmo voltou a integrar-se. Na realidade apenas temos que nos cingir pelas informações tidas aqui nesta Sala e as também contidas aqui neste documento depois para emitirmos o nosso parecer.

Portanto, não sei se os meus colegas ainda têm perguntas a fazer.

*Negaram, acenando com a cabeça.*

Não sendo o caso, gostaríamos de terminar os nossos trabalhos, agradecendo a sua presença cá e pelas informações que nos brindou.

Antes de encerrarmos, tem a palavra a Sra. Dra. Feliciano para últimas considerações.

A Sra. **Médica Pediatra**: — Temos que ter muito cuidado quando fazemos juízo daquilo que as pessoas escrevem, porque muitas vezes quando escrevemos dramatizamos muito; fazemos filmes e tudo mais para atingirmos os nossos objectivos.

O que o Sr. Hugo queria exactamente era ir para Portugal para ver o seu filho, obviamente que ele cria esse pandemónio todo. Cria essa que a criança foi mal atendida, as crianças com amigdalite fica durante quanto tempo para ser operada? Muito tempo! Actualmente não se decide uma operação de amigdalite num abrir e fechar de olhos, mesmo quanto a extracção dentária agora há técnicas que se evita a extracção para evitar futuras sequelas.

Portanto, temos que tomar muito cuidado com dramatizações e quando as pessoas escrevem para querer atingir os seus objectivos. Eles para os atingir criam tudo isto, enquanto não conseguir ir para Portugal vai continuar a fazer o mesmo espectáculo.

É a única coisa que gostaria de dizer.

A Sra. **Presidente**: — Muito obrigada Sra. Dra. Feliciano e continuação de um bom dia de trabalho. Declaro encerrada a reunião.

*Eram 12 horas e 15 minutos.*

*Estiveram ausentes os seguintes Srs. Deputados.*

Acção Democrática Independente (ADI):

**Isabel Domingos**  
**Adérito Bonfim**  
**Mário Fernando**  
**Paulo Jorge**